

Sem indignação pública não haverá justiça para as mulheres

Vera Iaconelli

Folha de S. Paulo, 9.mar.2026

Opressão é histórica, mantida à base de muito assédio, estupro e assassinato

Para entender a [violência contra a mulher](#) tem um jeito simples: trata-se de uma opressão histórica em benefício dos homens, mantida à base de muita ameaça, assédio, estupro e assassinato, que recrudesce à medida que a [mulher](#) começa a ganhar terreno. Já a ideologia que sustenta essa opressão é mais complicada, pois se apresenta de formas bem distintas, a depender da época.

É na modernidade, com a ascensão da burguesia, que "trabalho" passa a ser sinônimo de "trabalho remunerado" e que todas as outras tarefas para a manutenção da vida são consideradas obrigações naturais ou formas de amor à família. Essa lógica faz com que a mulher contraia uma dívida impagável. "Passar o dia todo em casa" –cuidando em tempo integral dos filhos, do marido, dos doentes e dos mais velhos– deixa de ser trabalho e se torna sinônimo de não fazer nada comparável a uma profissão. A posição que a mulher ocupa é a de alguém que deve dar graças a Deus por ter quem a sustente.

Como, na maioria das vezes, ela também trabalha fora, deve compensar sua ausência por não estar cumprindo sua vocação: ser do lar. Essa contradição é escamoteada com malabarismos mentais.

Primeiro, a ideia de que foi ela que "pôs filhos no mundo". Então, nada mais justo que trabalhe para sustentá-los e para se sustentar, pois, como se diz: "os filhos são da mãe". A outra é a ideia de que a mulher foi naturalmente talhada para se dedicar ao outro, atribuição que só serve para eximir o homem de toda a esfera de cuidado, inclusive de si mesmo. (Um esforço hercúleo está sendo feito para que a licença paternidade passe de 5 para míseros 20 dias)

O sexo não escapa dessa lógica. Quando o "guerreiro" que trabalhou o dia todo chega em casa, ele espera que ela "cuide" dele com seus préstimos sexuais (o estupro marital só foi inteiramente reconhecido em 2009).

E qual o risco que ela corre se perder esse príncipe que a trata como inferior? Ficar à mercê de todos os outros homens. Eles fazem a patrulha dos costumes aos moldes dos regimes teocráticos. Mulher solteira, "solta", pode ser pega por qualquer um. Para evitar o risco, melhor ficar com o sapo que ela já conhece.

Vale escutar o episódio da [Rádio Novelo](#) sobre os trabalhos feitos nas prisões com homens que agrediram ou mataram suas companheiras. Dos estudos sobre o tema se deduz a urgência de discutir gênero nas famílias e nas escolas.

A ideologia faz com que as mulheres entendam a masculinidade a partir do poder sobre os outros e a feminilidade como subserviência. Não raro, uma mãe enaltece a "masculinidade" do filho assediador e um pai desqualifica a filha e vice-versa.

Campanhas misóginas devem ser tão inaceitáveis quanto as racistas e as homofóbicas. A judicialização de redpills e outros aliciadores de crianças e jovens fazem parte dessa empreitada.

A [violência](#) contra a mulher não tem nada de novo ou incompreensível, pois é o retrato de uma guerra que estamos cansadas de perder. No mais recente descalabro cometido contra uma mulher –o estupro coletivo de uma [adolescente de 17 anos](#)–, vimos uma reação pública inequívoca e eficaz. Reação que obrigou os Poderes a funcionarem.

O repúdio generalizado, que uniu direita e esquerda, é fundamental para a desideologização do ato misógino.

Vera Iaconelli é Diretora do Instituto Gerar de Psicanálise, autora de “Manifesto Antimaternalista” e “Felicidade Ordinária”. É doutora em psicologia pela USP